



**I CONGRESSO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG**
14 a 16 de outubro de 2014
Local: Câmpus – Pirenópolis



UM RECORTE ACERCA DAS CONTRIBUIÇÕES DO PIBID NA FORMAÇÃO DOS ACADÊMICOS DE LETRAS DA UEG *CAMPUS* PORANGATU

Daniilo José Marcelino da Silva¹, Lorena Oliveira Rates²
Curso de Graduação em Letras
Acadêmicos bolsistas do Pibid
UEG *Campus* Porangatu
e-mail¹: djms14@hotmail.com
e-mail²: lorennarattes@hotmail.com

Cristiano Alves Ferreira
Docente Orientador - Curso de Letras
UEG *Campus* Porangatu
e-mail: cristiano.alves@ueg.br

O presente trabalho vislumbra os pontos de contribuição do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID no *Campus* Porangatu da Universidade Estadual de Goiás no que referencia ao Subprojeto de Letras voltado para constituição de uma proposta de leitura alicerçada nos gêneros textuais utilizados pelos docentes do Colégio Estadual Professor Waldemar Lopes do Amaral Brito, escola-campo seleta pelo subprojeto pela variedade e dimensão de acesso ao Ensino Médio e as novas propostas educativas do Governo do Estado de Goiás.

O PIBID, cabe referência, é financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), e propõe dentre suas bases a formação (aperfeiçoamento) e intensificar a valorização dos projetos para a formação de docentes a serem inseridos na Educação Básica, possibilitando condições para os acadêmicos dos cursos de licenciatura o acesso direto aos espaços das unidades escolares no intuito de experimentarem o conhecimento produzido pela prática docente no contexto escolar no início de suas formações acadêmicas, e não apenas nas bases do Estágio Supervisionado, o qual não deve ser aqui confundido com as ações do Programa.

As propostas de formação dentro dos cursos de licenciatura evidenciam na atualidade uma vacância de ingressos devido a falta de perspectivas dentro da profissão docente, e em

geral, tem-se enfrentado grandes dificuldades para a formação de professores em todo o território nacional, sendo que, as Instituições de Ensino Superior (IES) que oferecem a modalidade de Licenciatura ainda tem grandes dificuldades em estabelecer uma relação proximal entre a formação teórica oferecida pelos cursos com a realidade educacional local na qual a IES está inserida. Neste sentido, o acadêmico de licenciatura é lançado à escola-campo apenas no momento do Estágio Supervisionado, com dimensões e atividades próprias a um 'ser' que já conheça a realidade e já tenha o contato com a sala de aula, o que gera, evidentemente uma distorção entre a teoria x prática do licenciando.

Este distanciamento e, por que não dizer, esta distorção acaba por gerar aos licenciandos (egressos) o desinteresse pela prática do magistério na educação básica, pois o licenciado vê apenas as perspectivas da pesquisa como foco de ação, dentro das teorias por eles estudadas durante os anos de formação. Cabe ressaltar que esta referida realidade aqui evidenciada não é novidade aos leitores da área da educação, pois são inúmeros os estudos que veem evidenciando na grande maioria das IES estas ocorrências.

E é justamente nesta problemática que o PIBID se propõe, buscando, através de inovações e alternativas particulares a cada realidade a alteração dos cenários educacionais vigentes nas escolas-campo selecionadas, sendo que, as atividades e ações a serem realizadas pelos subprojetos interpõe condições de aprendizagem direta à formação dos Acadêmicos dos Cursos de Licenciatura envolvidos, e, conseqüentemente, conduz por esta aprendizagem ações diretas às escolas-campo, que são beneficiadas como este processo de formação tanto com as intervenções e práticas do cotidiano dos alunos-bolsistas, quanto com as benfeitorias levadas pelo PIBID através de oficinas e atividades que respeitam o currículo e a filosofia da Instituição Escolar.

Os procedimentos de aprendizagem dos alunos-bolsistas se dão nas formas de interação direta com o Coordenador de Área, que estruturou o subprojeto e suas metas e ações, assim como a inquestionável riqueza oriunda da convivência e troca de conhecimentos dos professores supervisores nas escolas-campo, haja vista que estes supervisores possuem a formação na área de atuação do subprojeto, levando a interação entre alunos-bolsistas a supervisores-bolsistas a um nível de aprendizagem real entre a teoria e prática docente na educação básica.

Em específico, o subprojeto de Letras da UEG *Campus* Porangatu implementa ações com metodologias diferenciadas na aplicação da leitura e compreensão dos conhecimentos abordados ou elencados pela escola através de seu currículo e da matriz curricular da Rede Estadual de Ensino de Goiás. As ações são diretas aos educandos da Unidade Escolar,



**I CONGRESSO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG**
14 a 16 de outubro de 2014
Local: Câmpus – Pirenópolis



contudo, deve-se considerar que as ações só se tornam praticáveis após os estudos dirigidos pelo grupo do subprojeto, que realiza reuniões semanais de 4 (quatro) horas no espaço concedido pela Gestão do *Câmpus* Porangatu.

As reuniões de formação estão ligadas diretamente a formação docente, ou melhor, a valorização desta formação para a educação básica, na perspectiva de criar uma conduta positiva entre a relação dos licenciandos em Letras e o magistério, objetivo visível dos cursos de licenciatura. As temáticas aplicadas como fonte para leitura e estudo foram estabelecidas na constituição do subprojeto, e caminham pelo viés da Formação do Profissional Docente de Letras em paralelo com a necessidade de Novas Metodologias para a Leitura através dos Gêneros Textuais.

Durante as reuniões são estabelecidas as ações de intervenção, debatidas, projetadas, e, posteriormente, apresentadas à Unidade Escolar, assim, há completa sintonia positiva entre os envolvidos. Ao serem realizadas, as ações, ou atividades de intervenção contemplam não apenas a disciplina de Língua Portuguesa, mas todas as áreas do conhecimento, haja vista que não existe a possibilidade do ensino sem as competências da linguagem. E é neste foco que a intervenção ocorre, gerando possibilidades de leitura nas mais diferentes áreas do conhecimento, por intermédio de plataformas distintas que sustentam os gêneros textuais.

Nas aplicações são efetivadas leituras das mais variadas modalidades, pois há de se considerar que, por exemplo, os gráficos estatísticos são essenciais não apenas na compreensão das bases matemáticas, pois os espaços geográficos de dados também os requerem, como os da física, química e outras áreas. As leituras propiciam esta difusão da percepção da leitura, onde o educando da Unidade Escolar compreendem que ler não é apenas decodificar símbolos e termos linguísticos, é ir além das possibilidades visuais, conjunturar em sua cultura e realidade de mundo com as informações concedidas no chamado texto que lhe é apresentado.

Neste recorte, propõe-se vislumbrar e compreender como as ações do subprojeto foram executadas, primando sempre pelo seu projeto para a valorização e formação docente dos acadêmicos do Curso de Letras. São vivências e experimentações de interlocução com o contexto escolar, produzidas pelos alunos-bolsistas e os demais envolvidos no PIBID da UEG *Câmpus* Porangatu.

Dos Gêneros Textuais para o Ensino da Língua Portuguesa e suas intrínsecas relações com a Leitura

O Ensino da Língua Portuguesa é mote para inúmeros estudos, que vão desde as suas concepções de forma quanto ao ato de ensinar até as suas condições de aplicabilidade dentro das novas teorias que surgem hodiernamente. Em geral, tem-se sempre a incessante busca pela melhor forma de 'ensinar' a língua, e isto, provoca nos pesquisadores e estudiosos uma constante variação de posturas metodológicas, contudo, alguns pressupostos são comuns, como por exemplo a visão de Bakhtin (2003), que externa que todo e qualquer enunciado ao ser considerado isoladamente é, claro, individual. Assim, as constituições proporcionadas pelo enunciado na utilização da língua, propicia os gêneros do discurso. De forma mais clara, ou talvez acessível, Marcuschi (2002) diz que os gêneros textuais têm sua gênese nos fenômenos históricos e suas relações estão totalmente vinculadas à vida cultural e social, sendo possível considerá-los 'entidades sócio discursivas e formas de ação social incontáveis em qualquer situação comunicativa'.

Em Bronckart (1999), os referidos gêneros se estruturam por ações da própria linguagem, e por tal, exigem do enunciador um conjunto de posturas decisivas diretamente ligadas a sua competência linguística, sendo que a priori, a escolha se dá pelos gêneros existentes adequando-o ao contexto e a intenção comunicativa que pretende, só então, em segundo plano, aplicar-se-á a forma ou sua recriação.

Estas relações entre a constituição e a formação do Gênero Textual estão diretamente ligadas a formação das propostas educacionais aplicadas ao Ensino da Língua Portuguesa, que, na visão das políticas públicas educacionais, estão alicerçadas na criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (1999) e Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2008), que sai do tradicionalismo e projeta a uma nova meta a ser alcançada, voltando-se totalmente às práticas sociodiscursivas.

Em leituras dos textos acima referenciados, percebe-se que os dois textos de orientação em nível nacional plenificam a defesa da criação de condições, no ambiente escolar, afim de que o educando seja capaz de construir sua autonomia quanto ao espaço social além dos muros da escola, e lhe abre as possibilidades de trazer ao contexto escolar de forma incisiva sua cultura e as práticas discursivas de sua comunidade de origem. A proposta eleva o espaço exclusivo das escolas para um espaço de inclusão, e totalmente aberto à diversidade, com intuito firmado de permitir a compreensão e interação na formação para a



**I CONGRESSO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG**
14 a 16 de outubro de 2014
Local: Câmpus – Pirenópolis



cidadania e o mundo do trabalho, além de lhe oferecer as demandas de respeito e compromisso com sua própria cultura e memória.

A comparação entre as ideias presentes nos textos lidos e a realidade escolar torna-se foco de todas as observações dos alunos-bolsistas, e fonte de dúvidas e questionamento a serem respondidos ou refletidos pelas professoras-supervisoras, sendo que, não conseguiram compreender tais fundamentos dentro da prática realizada dentro do ambiente escolar, principalmente a prática ao respeito a sua cultura e às atividades discursivas que os educandos já possuem oriundas de suas comunidades.

A reflexão sobre estas divergências são o cerne de toda prática pedagógica, este foi o sentido apresentado pelas supervisoras, que se mostraram conhecedoras dos textos bases e da falta de aplicabilidade destes. Assim, o quesito da transformação sobre o mundo, dentro de uma base humanística e crítica do aluno, distancia-se na opinião dos alunos-bolsistas, pois, se o Ensino Médio é a área final de interação da Educação Básica, seria justamente nesta etapa a necessidade de se consolidar e aprofundar estes ideais, os quais deveriam terem sido alicerçados durante toda a vida escolar e assim desenvolverem as habilidades múltiplas e a autonomia tão suscitadas pelos textos de orientação do Ministério da Educação.

O Ensino da Língua Portuguesa não propõe o jogo comunicativo e discursivo oferecido pelos gêneros textuais, interage apenas com a teoria e 'teoremas' obrigatórios, memoriais e aplicáveis apenas a avaliação e colheita de dados internos e externos. A escola não consegue atingir um espaço adequado ao ensino da Língua Portuguesa, e por conseguinte, as ações diretas de leitura e interpretação dos mais variados gêneros textuais tornam-se deficitários, complexos e distantes da realidade discursiva do educando.

Projetando as ações de intervenção, levou-se em consideração todas as afirmações e deduções dos docentes da Unidade Escolar, e também as necessidades e demandas dos educandos. Na produção discursiva das ações de intervenção, a qual denominamos "Hora da Leitura", privilegiamos as possibilidades de interrelação pessoal entre os educandos com os alunos-bolsistas, no intuito de coleta de informações que objetivassem as razões do desprezo ou desinteresse pelas leituras no ambiente escolar.

Contribuições das ações do PIBID Letras UEG *Campus* Porangatu à Formação Docente

A proposta apresentada à Unidade Escolar provocou estranhamento, principalmente devido às metodologias e plataforma os gêneros textuais seletos, contudo, as explicações e embasamentos apresentados pelos alunos-bolsistas ao Conselho Escolar foram decisivos para a aplicação das atividades. O fato de maior questionamento foi a tensão existente entre a ideia de interpretar e ler, ou mesmo de ler e compreender aquilo que se leu. A ideia de decodificação foi transportada para uma postura de identificação de conteúdos, objetivando o desenvolvimento do sujeito leitor e do seu já existente acervo literário (interação/socialização).

As plataformas foram seletas em acordo com os dados colhidos em cada atividade realizada, ou seja, os alunos-bolsistas sempre efetivavam um feedback das ações anteriores e projetavam em novas ações os déficits existentes, levando em consideração a matriz curricular e os descritores com maiores índices de dificuldade pelos educandos. Nas reuniões de interação entre alunos-bolsistas, supervisoras e coordenador de área tornou-se evidente que as áreas do conhecimento, em representação às diversas disciplinas da Unidade Escolar, tinham uma preocupação conteudística, com objetivo dirigido às avaliações diagnósticas e institucionais (Enem), e algumas poucas aos vestibulares. Esta atuação em sala de aula proporcionou aos alunos-bolsistas a oportunidade de compreender como os educandos se sentem em relação a postura dos professores, que, segundo os educandos não compreendem suas necessidades e seus anseios, pois não veem as ações da escola como projetadas pensando neles, ou mesmo, não se sentem participantes dos processos decisivos.

Cabe ressalva que tais assuntos e abordagens não se tornaram foco de embate ou discussões dentro do ambiente escolar, sendo apenas apresentado um relatório mensal à Gestão da Unidade Escolar das atividades e dados coletados, não sendo permitido aos alunos-bolsistas a intervenção ou discussão sobre o tema com os próprios educandos ou professores.

A partir das reflexões propostas nos estudos teóricos, vislumbramos outro fator a ser questionado em nosso processo de formação, pois já que à escola cabe a função de promover condições para que o aluno possa refletir sobre os conhecimentos construídos ao longo de seu processo de formação e socialização, para que possam agir sobre e, com eles, transformando suas ações de acordo com as demandas de seus espaços sociais, como esta interação seria possível em um espaço que estes mesmos educandos não possuem voz nem participação como seres atuantes?



**I CONGRESSO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG**
14 a 16 de outubro de 2014
Local: Câmpus – Pirenópolis



Tardiff (2010) assim explicita:

(...) Essas pesquisas se baseiam com demasiada frequência em abstrações, sem levar em consideração coisas tão simples, mas tão fundamentais, quanto o tempo de trabalho, o número de alunos, a matéria a ser dada e sua natureza, os recursos disponíveis, os condicionantes presente, as relações com pares e com os professores especialistas, os saberes dos agentes, o controle da administração escolar, etc. (TARDIFF, 2010, p. 115)

A discussão nos levou a compreensão de que a leitura é a grande prática libertadora, pois através de suas premissas o educando será capaz de refletir o mundo que o cerca através de seu próprio discurso (enunciado) e com este formular seu mundo questionador ou observador da realidade, não sendo assim apenas um ser passivo diante ao seu universo de formação, mas um ser ativo e participante, pois sabe, ao perceber através da leitura os gêneros textuais e suas plataformas, que sua compreensão da realidade será amplificada, tendo total noção de conceitos como: injunção, afirmação, negação, ironia, humor, dramaticidade, dissimulação e outros.

Na aplicação das atividades optou-se pela prática do discurso tecnológico, pois se conhece a relação dos jovens para com as temáticas modernas. Neste sentido, atividades como releitura da biografia do colega de sala através do retrato de Procura-se evidenciou que eles não conhecem seus colegas como acreditavam, percebendo que no espaço escolar há uma tendência ao egocentrismo da imagem, e ao fluxo do supérfluo através das mídias sociais como o Whatsapp e Facebook, pois apenas se permitem projeções do que realmente são, e mantêm-se protegidos das chacotas ou das distinções através de suas máscaras de mimese dos mais aceitos socialmente na escola.

As ações foram executadas sempre no período matutino, organizado em conjunto com a escola com a nomeação de “Projeto de Leitura” semanalmente. O funcionamento das atividades foi constituído a partir da premissa de que a Unidade Escolar possui 10 (dez) salas de aula no referido turno, logo, por possuímos 12 (doze) alunos-bolsistas houve um processo de partilha, onde duas turmas tiveram uma dupla de bolsistas. Cabe mensura que nestes 60 (sessenta) minutos de atividades, os professores regentes da Unidade Escolar não se mantiveram dentro do espaço da sala de aula, sendo que, as atividades iniciaram sempre às 7h50min e findaram-se às 8h50min.

Neste íterim temporal os alunos-bolsistas dirigiram-se às salas para a execução das atividades propostas, eles não atuaram como professores ou estagiários, mas sim como mediadores da proposta de leitura, numa aproximação de ideias e tempo das gerações dos educandos com os próprios bolsistas. Enquanto as atividades eram desenvolvidas, as supervisoras atuaram como elo entre as perspectivas da Unidade Escolar e as ações do Pibid, pois os professores regentes tiveram este tempo para discutirem sob os resultados que as supervisoras consideraram relevantes.

O momento de reflexão dos professores foi também um momento propício à leitura, ou seja, o espaço da sala dos professores foi devidamente preparado pelos pibidianos enfatizando os gêneros textuais que estavam sendo trabalhados em sala de aula, e um café da manhã, onde as supervisoras puderam ouvir e conversar com os colegas docentes sobre a aplicação e o acolhimento dos pibidianos na Unidade Escolar.

Esta interação foi riquíssima, pois as supervisoras perceberam que a presença dos pibidianos é considerada extremamente positiva, haja vista que todos os docentes, das áreas de conhecimento, reconhecem a relevância da leitura para o desenvolvimento da aprendizagem de suas áreas, e até mesmo solicitaram os materiais de estudo do PIBID sobre Gêneros Textuais para se aprofundarem na concepção do discurso e enunciação do texto.

Os pibidianos encontraram nas salas de aula uma realidade bem diferente da que tinham ‘ouvido falar’ pelos colegas de curso da Universidade, pois, perceberam que os educandos se envolveram nas atividades, criando interações e diálogos de grande produtividade, principalmente quando o assunto tocava suas realidades, gerando até mesmo alguns embates, o que não foi considerado ponto negativo, ao contrário, pois os embates tinham procedência e foram apresentados de forma a não tumultuar o espaço da sala de aula, e nem desrespeitar as opiniões em contrário.

Durante as reuniões de avaliação das atividades, com as supervisoras e o coordenador de área ficou evidente o anseio dos pibidianos pela repetição da experiência que tiveram em contato com os educandos, e principalmente na percepção de que o magistério não é um alento negativo, ou um ‘fardo’ como muitas vezes os foi apresentado durante suas interações com colegas que já estavam desenvolvendo o Estágio Supervisionado.

Justamente nestes aspectos as supervisoras tiveram grande contribuição, pois, suas experiências vinculadas ao ensino puderam dar aos bolsistas uma visão realista da docência na educação básica. Pelo fato do Subprojeto do PIBID Letras UEG *Campus* Porangatu possuir 12 (doze) bolsistas, concedeu-se a participação de duas supervisoras, formando assim dois



**I CONGRESSO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG**
14 a 16 de outubro de 2014
Local: Câmpus – Pirenópolis



grupos de 6 (seis) alunos-bolsistas, onde cada grupo é acompanhado por uma supervisora, e que se integram no grande grupo de discussão, onde todos estão presentes.

A supervisora professora Cynthia Urias Helber Rodrigues possui mais de 15 (quinze) anos de experiência em sala de aula, é servidora da Rede Pública de Ensino do Estado de Goiás (Efetiva) e também atua na Rede Particular da Educação Básica e Superior. Sua formação é na área de Letras (Graduação) e possui Mestrado em Educação. A supervisora professora Lorrani Naiara Ferreira Carvalho é iniciante na docência da Educação Básica, recém formada em 2013 e atua como Contrato Temporário na Unidade Escolar, também é graduada em Letras.

Estas distinções levaram os pibidianos a compreenderem as razões do tempo e experiência das supervisoras, assim como os anseios e desejos delas. Quanto a ideia de fracasso, a qual os bolsistas tanto ouviram nos corredores da Universidade, perceberam que não faz parte do discurso profissional das supervisoras, que sentem e sabem das dificuldades existentes na profissão e no processo de valorização do educador, contudo, não se atém a este princípio para o desenvolvimento de suas atividades em sala de aula, pois consideram uma luta a parte, um fato de categorias e não uma atitude didática que envolva o educando. O gosto pela área de atuação e o desejo pelos resultados positivos foram as maiores impressões que os pibidianos sorveram das supervisoras, principalmente pelo ideal de melhoria da qualidade de ensino para que no futuro estes educandos se tornem serem reflexivos e críticos para que assim a sociedade tenha chances de reagir aos problemas que lhes são oferecidos no dia a dia.

Aparentemente a atividade de leitura de imagem sugestiva, Procura-se, não tende a reflexões profundas, devido a seu caráter lúdico e não verbal, sendo estruturada apenas através da imagem captada pelo desenho dos educandos (os educandos são colocados em duplas, um frente ao outro, e devem desenhar-se, apenas da base do ombro acima, sem mostrar ao outro). A aplicação de definições aos desenhos fez com que os alunos percebessem que existe muito mais a se 'ler' nas pessoas do que elas aparentemente acreditavam que havia, pois a leitura não é sempre verbal, ou icnográfica, existem inúmeras possibilidades de leitura, e o desenho de moldura, ou esboço é um gênero textual como outro qualquer.

Através das descobertas realizadas, e das discussões provocadas no grupo de estudo e formação, entende-se que a leitura imagética deveria ser nossa segunda proposta de trabalho, pois amplificaríamos os gostos pessoais e os desgostos também, tornar-se-ia clara as aptidões e rejeições à sugestão de imagens. Para constituir tal base, utilizamos como plataforma a música, com o texto poético "Só de sacanagem", interpretado por Ana Carolina.

O texto traz imagens sugestivas à realidade histórica e social do país, e reflete nossas heranças culturais mais profundas, levando em consideração que o poema-música é uma crítica a posturas humanas do povo brasileiro, intentou-se uma reflexão a partir da leitura do texto e uma discussão aberta para inferir juízo acerca dos valores humanos e valores sociais adquiridos pelos educandos da escola-campo.

Os resultados superaram em muito as respostas esperadas, sendo que os educandos mostraram-se efetivamente ligados à realidade nacional, as mazelas e sofrimentos pelos quais perpassa a grande maioria da sociedade brasileira, principalmente no que tange a falta de ética e corrupção por parte dos representantes legítimos do povo (políticos). Os educandos evidenciaram total consciência política e ao mesmo tempo um descrédito pela prática democrática das eleições, marcados principalmente pelo descrédito que se acumula ano após ano nas promessas não realizadas e ações não desenvolvidas nas três esferas do poder legislativo, tanto Federal e Estadual, quanto Municipal, excluindo-se o conceito de alienação tão comum atribuído aos jovens e adolescentes.

Com estas e outras ações percebe-se que o PIBID proporciona-nos uma grande gama de reflexões sobre o 'ser professor' no contexto escolar, e não apenas na teorização dos bancos universitários, pois atuar sob o papel de mediador do conhecimento permitiu-nos conhecer nossos próprios anseios pela nossa formação particular de professores no curso de licenciatura em Letras, levando-nos a compreender a real necessidade das interações entre a teoria oferecida pelas IES e a prática que somente as Unidades Escolares da Educação Básica, através de seus educandos e educadores podem nos oferecer.

Como o próprio Paulo Freire (2003) referenciava:

(...) ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem a condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 2003, p. 27)



**I CONGRESSO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG**
14 a 16 de outubro de 2014
Local: Câmpus – Pirenópolis



Nesta perspectiva, vemos elevar cada vez mais a relevância de uma formação inicial de professores de qualidade, e por teor gradativo, do ensino. As condições de produção do conhecimento favorecidas pelo PIBID (Capes) vão se ampliando à medida que o subprojeto vai sendo desenvolvido junto à escola, aos educandos e educadores. É na realidade escolar que os estudos respaldados na teoria da formação do profissional de Letras se concretiza, onde percebemos-nos próximos ao intento de nos tornarmos professores e podermos contribuir através do exercício do magistério, contribuindo na formação de cidadãos capazes do exercício de seus direitos e deveres, de forma crítica e reflexiva ao meio que se inserem, sendo capazes de compreender seu tempo e o espaço em que vivem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Ática, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério de Educação, 1999.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Conhecimentos de Língua Portuguesa. In: **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério de Educação, 2008.

BRONCKART. Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio discursivo. São Paulo: Educ, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, Ângela Paiva, Machado, Anna Raquel, Bezerra, M. Auxiliadora. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

TARDIFF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 3.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.